

Prefácio

«Uma coisa que não compreendo acerca de muitos ditadores é a razão por que gostam de fazer o que fazem», escreveu-me um amigo depois de eu lhe ter dito que estava a escrever este livro. «Por exemplo, levanto-me de manhã e penso no que gostaria de fazer: tocar guitarra, andar de barco ou de *kayak*, etc. Eles acordam e pensam: ‘Acho que vou atacar outro país, para ficar com as coisas deles, etc.’.»

Tal como o meu amigo, muitos outros sem ambições ditatoriais ficam perplexos com o comportamento de homens que, no passado, dominaram milhões dos seus súbditos e mataram outros milhões. Muitos de nós também ficam perplexos com os ditadores vivos, ou pretendentes a isso, que ameaçam pessoas como nós, que só querem «tocar guitarra» ou «andar de barco».

O objectivo deste livro reside em acrescentar informalmente o contributo da psicologia dos tiranos à lista de factores que explicam a ascensão deste tipo de pessoas. Todos os tiranos aqui considerados viveram nos últimos 100 anos. São todos homens, que explica o uso frequente do pronome «ele» quando são referidos. (A rainha Maria I da Inglaterra e da Irlanda, conhecida como «Bloody Mary» pelos seus inimigos protestantes, e Ranavalona I, rainha de Madagáscar, e outras, lembram-nos, porém, que nem todos os tiranos ou ditadores da história eram homens.)

Segundo os dicionários, um ditador é alguém que detém um «controlo autocrático total: uma pessoa com poder governamental ilimitado». Embora seja possível haver um ditador benevolente,

na maioria dos casos os dirigentes com poderes absolutos governam de forma absolutamente opressiva. Ditadores «benevolentes» como Lee Kuan Yew, que governou Singapura durante quase três décadas desde 1959, e Josip Broz Tito, que liderou a Jugoslávia durante quase quatro décadas desde 1944, são muitas vezes citados como exemplos deste tipo menos comum de dirigente autoritário.

Na maioria dos casos, o ditador é um tirano ou déspota, um governante que usa a brutalidade — intimidação, repressão, prisão, tortura e assassinio — para conservar o poder e alcançar os seus objectivos. Neste livro, os termos ditador, tirano e déspota são usados de forma intercambiável, pois a expressão «ditadores benevolentes» é menos frequente.

«Entrar nas cabeças» dos líderes e terroristas estrangeiros é uma das maneiras de os governos tentarem adquirir vantagem quando lidam com estas pessoas. As agências governamentais de muitos países contratam psiquiatras e psicólogos para estudarem os dirigentes estrangeiros e prepararem perfis psicológicos dos seus opositores. A Central Intelligence Agency (CIA), o Departamento de Estado dos Estados Unidos e as organizações equivalentes de países amigos ou inimigos esperam que estes perfis os ajudem a compreender, a prever e a influenciar as acções dos dirigentes estrangeiros amigos e dos ditadores e terroristas inimigos de todos os níveis. Para ilustrar como as agências de serviços secretos têm desenvolvido perfis de líderes estrangeiros, e como estas informações têm sido usadas no interesse dos Estados Unidos, alguns estudos sobre chefes de Estado legítimos e não tirânicos são descritos em pormenor no Capítulo 2 e noutras partes do livro.

A importância desta psicologia aplicada é óbvia quando consideramos que, só no século passado, os déspotas, os tiranos e os terroristas foram responsáveis pela morte de dezenas de milhões de pessoas inocentes. Transformaram ou arruinaram a vida de outras centenas de milhões. Juntas, as acções de Adolfo Hitler, José Estaline, Mao-Tsé-Tung, Idi Amin, Muammar Kadhafi, Saddam Hussein e Osama bin Laden afectaram milhões de vidas directa

ou indirectamente. As suas ordens para matar foram emitidas de quartéis-generais, palácios e esconderijos onde viviam e, em certos casos, se escondiam, protegidos pelas suas polícias secretas e pelos seus devotos seguidores.

Em que é que estes assassinos diferem das suas vítimas? Como explicar os seus comportamentos, incluindo os seus impulsos de dominar, subjugar, torturar e matar?

Muitos deles partilham traços de personalidade anormais e, em certos casos, possíveis perturbações mentais, que permitem prever e explicar os seus comportamentos. Os psicólogos que trabalham para os serviços secretos na análise dos estados mentais dos líderes patológicos sabem que estes homens costumam ter conjuntos de traços incluídos em rótulos como a «Tríade Negra», a «Tétrade Negra», o narcisismo maligno, a psicopatia e personalidades paranoídes. O reconhecimento destes traços definidores de personalidade fornece dados importantes sobre as suas motivações e acções. Estes dados permitiram que, no passado, os governos previssem o comportamento dos adversários e deram pistas importantes para ajudarem a explicar como e porque é que estes homens se comportam como se comportam.

No entanto, estes perfis psicológicos nem sempre foram rigorosos, em particular até meados do século xx. Desde então, grandes psiquiatras, como o antigo analista da CIA, o Dr. Jerrold M. Post, melhoraram imenso a fiabilidade destes esforços para perceber como os dirigentes estrangeiros, amigos e inimigos, vêem o mundo e como podem reagir em situações que possam afectar a segurança nacional.

A concepção de perfis psicológicos é uma prática que tenta juntar duas ciências «moles», a psicologia e a ciência política, criando um instrumento que nos permite compreender e, mais importante, prever o comportamento dos dirigentes estrangeiros.

Os psicólogos hábeis, capazes de decifrar as peculiaridades e as perturbações, as forças e fraquezas psicológicas dos estadistas estrangeiros, podem dar benefícios significativos e visíveis aos

seus países. Compreender como um dirigente estrangeiro pensa e se comporta, perceber as suas motivações e os seus medos, pode providenciar vantagens no comércio e noutras negociações. Permite que os governos desenvolvam estratégias eficazes para lidar com as nações amigas e inimigas. Pode criar supremacia durante as situações de crise e ajudar a minar as forças dos inimigos.

O estado de espírito de um dirigente ou chefe de Estado é um tema de estudo legítimo. Seria ingénuo ignorar os estados mentais dos dirigentes, de Calígula a Mahatma Gandhi, de Winston Churchill a Richard Nixon, de John F. Kennedy a Donald Trump, e de centenas de outros, para tentar explicar as suas abordagens à governação, bem como os seus sucessos e fracassos.

A presidência invulgar e controversa de Trump impossibilitou que o excluíssemos deste livro. Como diremos nos capítulos seguintes, alguns especialistas em saúde mental estão convencidos de que o presidente americano representa um perigo, pois tem uma perturbação de personalidade. Outros não ousam fazer um diagnóstico, mas insistem que o seu comportamento faz dele uma ameaça. Outros ainda afirmam que ele não é mentalmente doente, que é um homem do espectáculo e um provocador, uma pessoa que exagera claramente nas suas declarações e que se «vinga» sempre dos insultos e das manifestações de desrespeito, tudo coisas que ele admite no seu livro.

Não estou em posição de dizer qual destas hipóteses, se alguma, se aplica ao presidente. Ann Serling, filha do escritor Rod Serling, cita o pai: «Sempre que escrever, seja o que for que escreva, nunca cometa o erro de pensar que a audiência é menos inteligente do que você.» Vou um pouco mais longe e parto do princípio de que os leitores são mais inteligentes do que eu. Pressuponho que combinam a informação que forneço com aquilo que já sabem e aprenderam noutros estudos. Espero que cheguem às suas próprias conclusões, pois quero acreditar neles.

Introdução

«Hoje, precisamos da psicologia por razões que dizem respeito à nossa própria existência», escreveu o psiquiatra Carl Gustav Jung há mais de 75 anos. Esta citação está incluída no seu último livro, *Memórias, Sonhos, Reflexões*, publicado em 1961. «Ficamos perplexos face ao nazismo e ao bolchevismo porque nada sabemos sobre o Homem, ou temos apenas uma imagem tendenciosa e distorcida dele. Se tivéssemos autoconhecimento, isso não aconteceria. Encaramos a terrível questão do mal e nem sabemos o que está diante de nós, muito menos o que lhe opor. E mesmo que soubéssemos, não compreenderíamos ‘como isso pôde acontecer aqui’.»¹

O nazismo, pelo menos como poder de Estado, ruiu como o *bunker* de Hitler no bombardeamento de Berlim em 1945. Ainda existem versões do comunismo, descendentes longínquos do bolchevismo, mas sofreram um rude golpe quando a União Soviética se desmoronou em inícios dos anos 1990. Contudo, a citação de Jung é tão relevante hoje quanto era quando a escreveu.

Enquanto houver nações com armas de destruição maciça, a nossa existência está sob ameaça. Enquanto houver pessoas violentas fora do Estado que ambicionam ter armas de destruição maciça, a nossa existência está sob ameaça. «A terrível questão do mal» continua a ser fundamental para a nossa espécie e para a natureza humana.

No entanto, há um elemento na declaração pessimista de Jung sobre o qual fizemos progressos. Agora, sabemos como puderam

existir ditaduras repressivas como a de Hitler na Alemanha, de Estaline na União Soviética, de Mao Tsé-Tung na China, de Saddam Hussein no Iraque e muitas outras ao longo da história. E, agora, sabemos «como isso pode acontecer aqui».